

## ÍNDIOS XAVANTE X NÃO-ÍNDIOS NA CIDADE DE BARRA DO GARÇAS/MT: gestos de interpretação discursiva

BORGES, Águeda Aparecida da Cruz  
[guidabcruz@uol.com.br](mailto:guidabcruz@uol.com.br)

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)  
Instituto Universitário do Araguaia (IUniAraguaia)

### PARA INICIAR A CONVERSA

Muitos estudiosos orientam a pesquisa tendo como foco as desigualdades, mesmo sob o enunciado de senso comum: “somos todos iguais perante Deus e perante a lei”. É nessa máxima, sob o domínio do Discurso Religioso e Jurídico que a “igualdade” ganha sustentação, todavia não é o que se apresenta aos olhos do pesquisador quando ele se debruça sobre o objeto no intuito de interpretá-lo.

A escolha deste trabalho que tem como tema o discurso dos moradores de Barra do Garças (Barra)- Mato Grosso sobre os índios Xavante no espaço urbano, talvez tenha fundação no meu encontro com alguns deles, na antiga Rodoviária dessa cidade, no ano de 1982. Eu esperava aquele encontro, mas em aldeias, uma ignorância marcada pela aprendizagem escolar e pelo discurso familiar, ou pela exaltação romântica ou pelo preconceito construído historicamente.

Em 2003, volto a encontrar muitos Xavantes, na mesma localidade e um dos elementos da nossa observação é uma praça do centro da cidade, contornada por esculturas indígenas, com características do povo Xavante, fato perceptível marcado pela gravata, própria desse povo; porque, no conjunto, o que aparenta é uma homogeneidade nas figuras regularizando um discurso: **índio é tudo igual**, como pode ser observado na fotografia.



Foto da Praça dos Garimpeiros- datada do início da pesquisa-maio de 2003.

Uma pesquisa envolvendo povos indígenas exige, segundo Silva & Grupioni (1988), alguns esclarecimentos a respeito de informações incorretas que circulam sobre eles. Uma visão que não procede é a que os coloca como se fossem um todo homogêneo; ora,

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos, diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofias peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas. (RODRIGUES, 1985 p.17).

O questionamento para este texto é: Por que há uma resistência discursiva em aceitar o povo Xavante na cidade? Por um lado, e por outro por que a escultura, se o próprio índio é um componente do espaço barra-garcense?

### “A TORTO E A DIREITO” : o “branco” fala o índio

Delimitamos o *corpus* restringindo as entrevistas a grupos de moradores de Barra do Garças que podem ser identificados da seguinte maneira: estudantes universitários (EU), estudantes do Ensino Médio (EEM), pais (PA), professores (P) e funcionários da educação (FE), ao números que acompanham a sigla são distintivos em cada grupo. As entrevistas foram gravadas e transcritas, pedimos para que falassem livremente sobre o que achavam da presença indígena na cidade.

Para esta comunicação selecionamos algumas seqüências discursivas que demonstram a fronteira existente na relação “índio” X não-índio em Barra.

(EEM3), na ilusão de dizer que não é contra os índios, deixa marcado lingüisticamente o que foi determinado pela ideologia:

- (...) eu não tenho nada contra eles, **né**, não tenho assim contra os índios, **mas eu... sinto um pouco receio deles**, porque não se comunicam, **né**, com a gente... e parece que eles se afastam um pouco (...) porque o que você vê, ouve falar deles é **que eles são agressivos, que eles são violentos** tal esse tipo de coisa, e aí a gente fica com **medo, né**, de conversar com eles assim tentar um diálogo, **né**, e eles acharem ruim, com a gente (...)

A repetição do **né**, ao longo da seqüência, sob nosso parecer, funciona como um apelo à cumplicidade do interlocutor no sentido de convencê-lo de que só esse modo de dizer e que essa é a verdade.

Para a AD o conceito de ideologia é amplo, conforme Orlandi (1994, p.296) a ideologia trata-se de um necessário apagamento, para o sujeito, de seu movimento de interpretação, na ilusão de “dar” sentido a produção do efeito de “evidência”.

Pechêux (1975 apud ORLANDI, 1986, p.117) considera que não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Assim, não é possível entendê-los separadamente. Por mais que trabalhemos a autoria como ilusória, a ideologia como enganadora e o discurso como materialização da ideologia, não podemos desprezar a relação que se estabelece entre eles e o sujeito. É necessário que o sujeito tenha a ilusão de que é ele mesmo que diz, de que o seu discurso não é plágio. Dessa forma, os sujeitos reproduzem discursos sem temerem qualquer acusação.

Na AD, trabalhamos com fragmentos de linguagem-situação, o recorte, que se faz de acordo com o objetivo da análise. É por isso que não existe um método fixo como já dissemos e escolha das seqüências é concomitante à análise.

Como vimos, o sentido não tem origem no sujeito, mas é reproduzido por ele no ato de enunciação, falamos em memória discursiva. Conforme Orlandi (idem, p.51) o brasileiro, para significar, tem como memória (domínio do saber) o já dito europeu. Logo, a prática discursiva dos barra-garcenses recupera o discurso do colonizador.

Na tentativa de ordenar os discursos “a torto e a direito” e trazer outros organizamos seqüências cujo sentido se repete, modificando-se apenas em nível de formulação, ou seja, em famílias parafrásticas.

A “repetição” se dá porque o sentido é disperso e o sujeito está em constante movimento. Os sentidos migram, sendo trazidos para o presente da linguagem; isso, porque o que foi dito historicamente, o já-lá, é retomado e “atualizado” no momento da formulação dos enunciados.

O quadro de seqüências discursivas leva em consideração suas condições de produção, sendo relacionadas às Formações Discursivas a que pertencem:

<b>FDs</b>	<b>Estudantes universitários (EU)</b>	<b>Estudantes de Ensino Médio (EEM)</b>	<b>Pais (PA)</b>	<b>Professores (P)</b>	<b>Profissionais da educação (PE)</b>
<b>Índio é preguiçoso</b>	(...) “tinha lixo pra tudo quanto é canto, e a gente foi catar junto com eles; (...) eles sentaram e ficaram olhando a gente catar o lixo.”	“Índio é vagabundo, preguiçoso, quer tudo na mão.”	“índio gosta de tudo na mão; trabalhar que é bom, nada.”	...”eu vejo que hoje o índio eles tão muito, assim, preguiçoso”	
<b>Os índios são</b>	“Aí, o governo, né,	“Faz tudo o que quer	(...) “o índio ele tem uma		(...) “eu num

<b>protegidos pelo governo</b>	dá aquela aposentadoria pra eles hoje. Então, nessa questão eu particularmente acho arbitrária.”	porque é protegido.”	proteção muito grande”...		concordo, porque o índio a partir da hora que ele nasce, ele tem um salário, né, que eles recebe do governo, então eu acho que não deveria ser assim”...
<b>Somos descendentes de portugueses</b>	“As terras brasileiras, no caso, quando aqui chegamos, já eram dos índios.”	“Quando aqui chegamos eles já estavam aqui.”	... “com o descobrimento do Brasil... menos mal pra nós, né, porque a gente ia ser só um monte de índio; Já pensou se fosse assim?! E com o descobrimento... melhor ser filho de português do que ser filho de índio.”		
<b>Índio é bicho (selvagem)</b>	“Muitas pessoas acham que os índios eles são bichos sujando a cidade”	“Índio parece que não é gente.”	(...) “a própria sociedade trata o índio como um animal”	(...) “de certa forma ele é agressivo, ele é por causa do <b>instinto</b> dele.”	

O quadro:<sup>1</sup>

Mostramos no grupo de paráfrases, que, mesmo depois de muito tempo, os sentidos “coloniais” se manifestam no discurso das pessoas entrevistadas por nós, e que supomos tendem a uma generalização, de modo que, analisando o *corpus*, percebemos pistas que apagam os índios como sujeitos históricos, para destacá-los como seres culturais, que devem estar longe dos que não são índios.

## PARA FECHAR A CONVERSA

<sup>1</sup> Esse quadro foi inspirado no trabalho desenvolvido pela prof<sup>a</sup>. Elizete Azambuja, recentemente publicado no livro: **Olhares, vozes e silêncios que excluem: estereótipos de índio**, pela Editora UNEMAT.

Alguns séculos na história podem distanciar pouco os sentidos. Não é nada, a não ser cronologicamente. A história não é uma questão de evolução de tempo, é uma questão de sentidos e da sua duração. E esses podem circular indefinidamente, segundo Orlandi (1996, p.235).

Romper com os preconceitos e estereótipos constituídos historicamente não é tarefa fácil, pois por mais que, em determinados momentos percebamos marcas da tentativa de ruptura com os sentidos determinados histórica e ideologicamente o que prevalece ainda é a de que:

### LUGAR DE ÍNDIO É NA ALDEIA

((o índio deve estar)) “bem distante assim de mim, não vejo nenhum aproximamento” (EU)

Eu...eu vejo que...é importante assim, o índio... a presença dele aqui na nossa cidade, porém eu vejo que o lugar dele é mesmo nas aldeias...”(EEM)

“De índio eu quero distância. É ele lá e eu cá. (PA)

..... (P)

“O que que eu penso sobre o índio na nossa cidade é que ele não tinha que tá na nossa cidade.” (PE)

Podemos dizer, após a análise, que, independentemente do grupo entrevistado há uma FD que domina, a de que **lugar de índio é na aldeia**. Além dos sentidos de repulsa instaurados pela negação:“(...) **bem distante assim de mim, não vejo nenhum aproximamento**” em (EU), ou **eu quero distância**, em (PA), que funciona também pela negação: **eu não quero aproximação**.

Então, na perspectiva da AD, há uma dispersão de sujeitos, pois, devido a sua incompletude, eles ocupam várias posições ao longo do discurso, inscrevendo-se em FDs diferentes.

A cidade incorpora o índio, criando uma naturalização. Entretanto, fica na materialidade lingüística uma presença coisificada, ou seja, o índio não é um indivíduo no convívio das relações sociais, mas é parte de um cenário, como se fosse um “enfeite” dispensável, no caso das esculturas da Praça, que foram retiradas de lá em 26/09/2007.



Corre um boato de que as esculturas foram arrancadas pelos Xavantes, estamos em busca do que ocorreu de fato e aí produziremos um novo texto.

Os fenômenos interculturais, marcados discursivamente, podem servir para o debate em torno do papel das instituições superiores sobre a responsabilidade na elaboração de políticas educacionais que contemplem a diferença. No caso presente, foi de grande valia para as discussões/reflexões, do grupo de professores do Departamento de Letras do IUniAraguaia/UFMT, que fundamentaram o texto da Matriz curricular que está em período de implantação.

## BIBLIOGRAFIA

- AUTHIER-RÉVUZ, Jaqueline. **Palavras Incertas**. Campinas Editora da Unicamp, 1998. Educação Escolar Indígena 2. Parâmetros Curriculares Nacionais I. GRUPIONI, Luís D. Benzi (org) II. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental.
- BARONAS, Roberto Leiser (org.). **Identidade Cultural e Linguagem**. Cáceres-MT:Unemat Editora; Campinas, SP: Pontes editores, 2005.
- FAUSTO, Carlos. **Os Índios antes do Brasil**. Jorge Zahar – Editor – Rio de Janeiro, 2000.
- INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP. Ed. Da Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_ & FERREIRA, Maria Cristina Leandro.(orgs.) **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**, Porto Alegre, RS, Editora Sagra Luzzatto 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu funcionamento; as formas do discurso**. SP, Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo**\_ S.P., Cortez & Ed. da Unicamp, 1990.
- \_\_\_\_\_. “Um Sentido Positivo para o Cidadão Brasileiro”, In: *Sociedade e Linguagem*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.
- \_\_\_\_\_.(1983) **O discurso, estrutura ou acontecimento**. Campinas, Pontes, 1990.
- ZOPPI-FONTANA, Mônica G. “Camelôs e o direito à cidade”. In: *Anais do 7º Encontro da ANPUR: Novos recortes territoriais, novos sujeitos sociais: um desafio ao planejamento*. Recife, MDU/UFPE. 1997 p.1160-1179.
- \_\_\_\_\_. “É o nome que faz fronteira”. In: Indursky, F. (org) *Os Múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre, Coleção Ensaios do CPG-Letras/UFRGS, 2000.